

Observatório da Natureza



Partilhem connosco as observações mais interessantes, curiosas ou raras, feitas durante os vossos passeios e saídas de campo.

Falcão-peregrino em Faro

No nosso apartamento em Faro, há vários meses que uma ave de rapina passa ali as noites no parapeito de uma janela. Inicialmente pensámos que seria uma águia devido ao tamanho e às presas que capturava e ali comia. Mas, recentemente, verificámos que não se trata de uma águia mas sim de um falcão que pelo porte apenas pode ser um falcão-peregrino (*Falco peregrinus*). A escolha deste local para pernoitar é muito curioso e levamos a crer que estará relacionada com a excelente visibilidade que dali se tem sobre a Ria Formosa, pois vivemos no 10º andar. Tentamos ao máximo não perturbá-la e nem sequer abrimos o estore para não a afugentar. É o nosso amigo alado que todas as noites nos faz companhia e nos faz lembrar que a natureza nos rodeia, mesmo dentro de uma cidade !



Andreia e Max (Faro)

N.R.: E que tal se tentassem obter uma foto deste falcão fareense ?

Bufo-real electrocutado

No passado dia 7 de Fevereiro recebemos na Almargem a triste notícia de um Bufo-real (*Bufo bufo*) electrocutado num poste eléctrico perto de Budens. A ave ao pousar num apoio perigoso recebeu uma descarga eléctrica fatal que pôs fim imediato à sua vida, precisamente numa altura em que se encontrava em plena época de nidificação. A ave foi recolhida por um residente local sensibilizado para esta ocorrência e mais tarde foi-nos entregue para análise. Neste momento já iniciámos os contactos com a EDP no sentido de corrigir este apoio e esperamos que muito proximamente este seja menos um ponto negro a ameaçar a vida desta e de outras espécies. Infelizmente muito ainda há a mudar.

João S. Ministro (Loulé)

Ainda os carvalhos

Relativamente ao carvalho existente na Serra de Monchique, e de acordo com o que aprendi, trata-se de um carvalho de tipo marcescente (*Quercus canariensis*). Contudo, segundo o Prof. Carlos Pinto Gomes, bem entendido em matéria de vegetação, os carvalhos que aí existem são híbridos entre *Quercus canariensis* e *Quercus broteroï* [uma variedade do carvalho-cerquinho].

Nélia M. Guerreiro (Faro)

ESCOLA SECUNDÁRIA DE LOULÉ **ESL**

PELA CONSERVAÇÃO DAS ESPÉCIES E HABITATS NATURAIS

madressilva

Nº 3 – Março de 2006

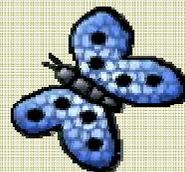
Um projecto da
Escola Secundária de
Loulé

em parceria com a
Associação Almargem

Av. Laginha Serafim
8100-740 Loulé
madressilvainfo@sapo.pt
www.es.loule.edu.pt
www.almargem.org

Impressão: Gráfica Comercial (Loulé)

Nº 3
Março 2006



PELA CONSERVAÇÃO DAS ESPÉCIES E HABITATS NATURAIS

madressilva



COBRA-DE-ÁGUA



MONCHIQUE

Zimbrais, 5 Saca-rabos, 6 Palmeira-anã, 7
Moldes de pegadas, 13 Almanaque, 2
Biosfera, 10 Projectos, 14 Observatório, 16

Amamaque da Natureza

Março

1		Nascimento: 7h03. Ocaso: 18h26.
6		Quarto Crescente. Marés mortas.
14		Lua Cheia. Marés vivas.
20		Equinócio da Primavera: 18h26.
22		Quarto Minguante. Marés mortas.
26		À 1h00 adiantar os relógios 60 minutos.
29		Lua Nova. Marés vivas. Eclipse parcial do Sol.

Abril

1		Nascimento: 7h18. Ocaso: 19h54.
5		Quarto Crescente. Marés mortas.
13		Lua Cheia. Marés vivas.
21		Quarto Minguante. Marés mortas.
27		Lua Nova. Marés vivas.
30		Nascimento: 6h39. Ocaso: 20h20.

ESTEVAS, ROSELHAS E SARGAÇOS

Abril é o mês em que a maioria das estevas (família das Cistáceas, género *Cistus*) se encontra em floração. Uma das primeiras a aparecer nos matos do Barrocal é a roselha-maior (*Cistus albidus*), uma das duas estevas com flores avermelhadas. A outra é a roselha-menor (*Cistus crispus*) com floração bem mais tardia (Maio-Junho) e que prefere os solos ácidos da Serra e dos pinhais litorais. Das restantes 7 espécies com flores brancas, a mais precoce é a esteva-das-areias (*Cistus libanotis*), de folhas muito estreitas semelhantes às do alecrim, que prefere as areias de dunas consolidadas e pinhais do litoral. Em plena Primavera floresce o estevão (*Cistus populifolius*) que ocorre apenas nas zonas mais húmidas das serras algarvias, caracterizando-se pelas suas folhas largas recordando as dos choupos. Igualmente primaveris são o sargaço (*Cistus monspeliensis*), de flores pequenas com 2-3 cm de diâmetro, sobretudo abundante no Barlavento, e o saganho-mouro (*Cistus salviifolius*), planta bastante vulgar e que apresenta folhas peludas. A esteva-comum (*Cistus ladanifer*) e a esteva-de-Sagres (*Cistus palhinhae*), espécies muito próximas, distinguem-se pelo maior tamanho das flores da primeira e porque a segunda é endémica da Península de Sagres e Costa Vicentina. A esteva de floração mais tardia (Junho-Julho) é o saganho (*Cistus psilosepalus*), espécie muito rara no Algarve.



Cistus albidus



Cistus monspeliensis

MÚSICA NO CHARCO

Os machos da rela-meridional (*Hyla meridionalis*) passam as noites de Março a Abril cantando empoleirados num ramo sobranceiro aos charcos e lagoas onde vivem. O seu poderoso *craar-craar* acaba por atrair as fêmeas, possibilitando o acasalamento que ocorre dentro de água. A postura é constituída por várias centenas de ovos de onde, duas semanas mais tarde, saem pequenas larvas que rapidamente se transformam em girinos.



PASTA DE PAPEL NATURAL

No início da Primavera, a rainha da vespa-comum (*Vespula vulgaris*) dedica-se à construção do seu ninho subterrâneo. Com as suas poderosas mandíbulas, arranca madeira de árvores e postes, mastigando-a com saliva e obtendo assim uma polpa, espécie de pasta de papel com que fabrica a parede dos favos.



Pássaros cantando ao desafio, músicas alegres da Primavera.

"Março marçação, manhã de Inverno, tarde de Verão"

Árvores com rosto

O projecto começou no ano lectivo de 2000-2001, dinamizado pelo Prof. Virgílio Ferreira e alguns alunos do Curso Tecnológico de Comunicação da **Escola Secundária de Loulé**.



Com o apoio da Divisão de Ambiente e Espaços Verdes da Câmara Municipal, entidade responsável pela plantação e manutenção nos últimos anos da maioria dos canteiros existentes, procedeu-se ao inventário das árvores e arbustos que podem ser observados no parque da escola. Foram identifica-



das mais de 50 espécies, criadas fichas e fotografadas em várias fases do seu ciclo vegetativo, com o objectivo de produzir um diaporama.

As estrelas deste pequeno mostruário botânico são um exemplar já majestoso de araucária (*Araucaria excelsa*), bem como alguns choupos, pinheiros e ciprestes também de grande porte, para além de curiosas plantas exóticas como uma árvore-garrafa (*Brachychiton populneus*), um cedro-do-Atlas (*Cedrus atlantica*) e várias casuarinas (*Casuarina equisetifolia*).

Pretende-se agora aprofundar o projecto, disponibilizando online as fichas das várias espécies e proceder à identificação de cada planta no terreno através de placas informativas.



Gralhas

Por razões óbvias, este boletim não tem nada contra as gralhas. Gostamos é sobretudo das que voam livremente e não daquelas que pousam nas nossas páginas. Alguns leitores chamaram a atenção para duas: no nº 1 (pg. 11) falta o nome científico do carvalho-de-Monchique (*Quercus canariensis*); no nº 2 (pg. 2) inventámos o dia 31 para o mês de Fevereiro que este ano só teve 28. As nossas desculpas.

Créditos das ilustrações: Anabela Pimenta: p. 14. André Carapeto: pg. 2 (estevas); pg. 4 (adelfeira, Monchique); pg. 5 (todas as fotos). Angel Cabrera (1932): pg. 6. Antoni L. Carrera: pg. 3 (poupa). BTO: pg. 2 (rouxinol). Celestino Gelpi (www.retamatour.com): pg. 3 (pucarinha). Charles Douglas: pg. 10 (ornitorrinco). D. Raoul e N. Aldrovandi: pg. 11 (mimivírus). Eduardo Crespo: pg. 4 (lagarto). Eduardo Pérez: pg. 11 (formiga). Filomena Campos: pg. 2 (relá); pg. 3 (toirão); pg. 7 (palmeira - desenhos); pg. 8-9 (todos); pg. 16 (desenho). <http://camaleones.reptiles.com.es>: pg. 12 (camaleão). IGE: pg. 5 (carta militar). João Santos: pg. 1 (Monchique); pg. 13 (desenhos). Judith Oakley (www.marlin.ac.uk): pg. 3 (choco). Mad Lantern Arts: pg. 1 (logo). Pascal Robin (LPO): pg. 16 (falcão). Ricardo R. Silva: pg. 12 (aranha). Riccardo Polini: pg. 1 (cobra). Virgílio Ferreira: pg. 15. Wahyu Gumelar: pg. 10 (carnívoro). www.baiedesomme.org: pg. 4 (borboleta). www.vivaitorsanlorenzo.it: pg. 7 (palmeira - foto). www.wikipedia.org: pg. 10 (atum).

projectos

Projecto Eco-Arte

O Carnaval que, hoje, comemoramos não é mais que uma “adaptação” das antigas festas pagãs realizadas na transição Inverno/Primavera. Apesar de estas festas serem, tal como hoje em dia, tempos de folia e extroversão, estavam intimamente relacionadas com os fenómenos naturais e eram celebradas em honra dos deuses da natureza, da agricultura e dos rebanhos. As razões atrás mencionadas levaram-nos a dar início ao Projecto Eco-Arte, precisamente em época Carnavalesca, na **EB1 nº5 de Faro - Vale de Carneiros**, actualmente a única eco-escola do concelho de Faro.

O projecto que tem como principal objectivo sensibilizar os alunos para a conservação da natureza e para a interdependência entre o homem e o meio-ambiente, centra-se, especialmente, no problema dos resíduos e no crescente consumo de energia e recursos naturais/matérias-primas na nossa sociedade, tendo aderido ao mesmo as nove turmas da escola.

A primeira etapa consistiu num debate realizado com cada uma das turmas sobre as temáticas ambientais. A segunda etapa relacionou-se com a história da arte, mais precisamente com a história das máscaras, suas diferentes finalidades, materiais de construção e significados temporais e espaciais. Na sequência destas duas etapas, os alunos recolheram “lixo” reutilizável, com este material e dando largas à imaginação, estão neste momento a construir as suas eco-máscaras.

No dia 20 de Fevereiro a comunidade escolar escolherá as 20 máscaras mais criativas e ecológicas que ficarão em exposição no hall de entrada do IPJ de Faro entre os dias 23/02 e 03/03 do corrente ano. A turma do/a aluno/a que realizar a melhor máscara será premiada com um passeio no Parque Natural da Ria Formosa orientado pela Associação Almargem.

Neste Projecto colaboram o Agrupamento de Escolas José Neves Júnior, ao qual pertence a nossa escola, o IPJ de Faro, a Associação Almargem, assim como todos os membros da comunidade escolar. Fica aqui o nosso convite para visitarem a exposição.

Contacto: anabelafmpimenta@sapo.pt



POUPAS AO VENTO

Um pouco por todo o lado, nos nossos bosques, as aves andam atarefadas preparando uma nova época de criação. Uma das mais belas pode ser observada nos montados,



pinhais mistos e pomares de sequeiro. Trata-se da poupa (*Upupa epops*), cujo nome científico se refere justamente ao canto suave com que os machos resolvem agora alegrar os montes: *hupu-hupu-hupú...hupu-hupu-hupú*. Embora a maioria das poupas europeias migre no Inverno para África ao encontro de uns seus

primos bem conhecidos - os calaus - no Algarve a população é sedentária e os casais mantêm-se unidos ano após ano, reconstruindo o mesmo ninho de sempre numa cavidade de um tronco velho ou de uma rocha.

PERIGOSO PETISCO

Chegou a época de um dos poucos cogumelos verdadeiramente apreciados pelos algarvios: a pucarinha (*Amanita curtipes*). Mas cuidado! Nos montados e estevais onde cresce, pode aparecer também uma espécie parecida, a amanita-primaveril (*Amanita verna*), venenosa e mortal. A primeira tem um pé geralmente curto sem anel evidente, enquanto a segunda apresenta um pé mais esbelto e com anel, embora frágil.



PASSAS DO MAR

Em Março começa a época reprodutora do choco (*Sepia officinalis*), boa ocasião para observar os casais nadando em águas pouco profundas. Os ovos, negros e em forma de péra, são fixados pela fêmea a algas ou ervas submersas. Caso ocorra entretanto um grande temporal, alguns podem ser arrancados e arrastados até à praia mais próxima, parecendo estranhas uvas a secar ao sol.



TOIRÕES À SOLTA

De hábitos exclusivamente nocturnos, o toirão (*Mustela putorius*) é muito menos conhecido que a sua variedade doméstica (furão) utilizado desde épocas remotas para caçar coelhos. A época do cio começa em Março, altura em que os pequenos gritos do macho podem ser ouvidos nas várzeas de ribeiras e zonas húmidas.



DIAS MUNDIAIS

14 de Março - Dia Internacional de Acção contra as Barragens, pelos Rios, pela Água e pela Vida. O objectivo deste dia é denunciar os projectos hidrológicos mais destruidores, exigir a conservação dos rios e ribeiras e pugnar pela gestão equilibrada e sustentável das bacias hidrográficas.

21 de Março - Dia Mundial da Floresta. Pretende realçar a importância da floresta e dos recursos florestais para a manutenção da biodiversidade e para o bem estar da humanidade. Em Portugal coincide com o **Dia da Árvore**, o que nem sempre acontece noutros países.

22 de Março - Dia Mundial da Água, uma ocasião para sensibilizar e alertar para a necessidade de utilizar racionalmente os recursos hídricos. Entre 2005 e 2015 as Nações Unidas comemoram também a Década de Acção da Água pela Vida.

22 de Abril - Dia da Terra. Um dia para reflectir sobre o estado crítico a que chegou o nosso “lar” e sobre a necessidade de cada um de nós contribuir activamente para a preservação da vida no planeta.



“Água que no Verão há-de regar, em Abril há-de ficar”



Rede Natura 2000 Monchique

Seleccionado em 1997, para a 1ª fase da Lista Nacional de Sítios da Rede Natura 2000, o sítio de Monchique abrange cerca de 76 mil hectares, distribuídos pelos concelhos de Monchique, Silves, Aljezur e Odemira (e também um pouco de Lagos e Ourique). A maior parte deste vasto território sofreu intensamente com os incêndios de 2003 e 2004, culminando séculos de desflorestação e décadas de cultivo intensivo de eucaliptos e pinheiros. Esta região encontra-se assim num ponto de viragem que desejavelmente deverá caminhar no sentido de recuperar o coberto vegetal e os valores botânicos e faunísticos que fazem da Serra de Monchique um local ímpar.

Graças a um clima peculiar, com elevada humidade e precipitação, ocorrem aqui 22 habitats protegidos pela legislação comunitária, alguns dos quais com carácter claramente atlântico e setentrional. Para além dos soutos produtores de boa castanha, devem realçar-se os derradeiros pequenos bos-



Rhododendron ponticum

ques de carvalho-de-Monchique (*Quercus canariensis*) que jun-



tamente com os de carvalhocerquinho (*Quercus faginea*) outrora cobriam uma grande parte da serra. Ai pode encontrar-se o titimalo-de-Monchique (*Euphorbia monchiquensis*), uma das diversas plantas endémicas desta serra. Nos barrancos mais frescos, surge a adelfeira (*Rhododendrum ponticum baeticum*), acompanhada do samouco (*Myrica faya*) e da campainha-de-Monchique (*Campanula primulifolia*), um outro endemismo. Nos montados de sobro ocorrem preciosidades como a rara erva-loira-de-Monchique (*Senecio lopezii*) e o orvalho-do-sol (*Drosophilum lusitanicum*), uma curiosa planta carnívora. Outro importante endemismo é o rapôncio-do-Algarve (*Centaurea fraylensis*), uma espécie estritamente protegida pela Directiva Habitats e que aparece em matos rasteiros de tojos e urzes.

Até aos incêndios dos últimos anos, Monchique albergou certamente os derra-

deiros exemplares de lince-ibérico (*Lynx pardina*) da Serra Algarvia. A diversidade de habitats possibilita a ocorrência de espécies pouco comuns como o rato-de-Cabrera (*Microtus cabrerae*) e o lagarto-de-água (*Lacerta schreiberi*), ambos estritamente protegidos. Devem destacar-se ainda 12 espécies constantes do Anexo I da Directiva das Aves, entre as quais se



Lacerta schreiberi

salientam a águia-de-Bonnelli (*Hieraaetus fasciatus*) e a águia-cobreira (*Circaetus gallicus*), para além de aves que habitualmente só podem ser vistas em regiões mais a norte como o papa-amoras (*Sylvia communis*) ou a estrelinha-de-poupa (*Regulus ignicapillus*). Entre a fauna das ribeiras da serra, o destaque vai inteirinho para a recém-descoberta boga-dosudoeste (*Chondrostoma alma-cai*) e também para a lontra (*Lutra lutra*). Outras espécies protegidas da fauna deste sítio são duas belas borboletas: *Callimorpha quadripunctaria* e *Euphydryas aurinia*.



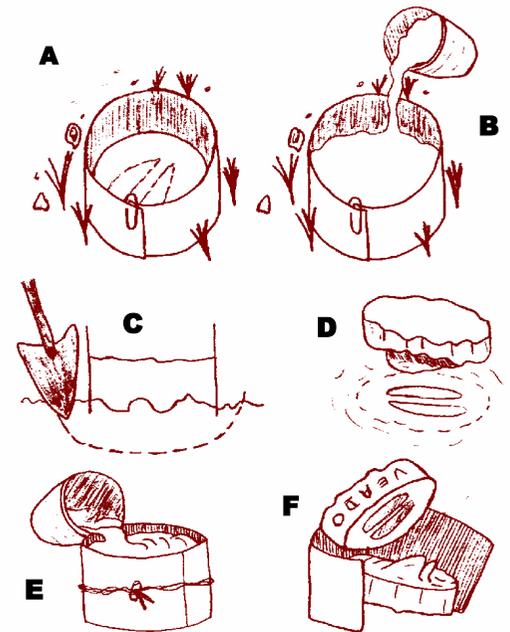
Callimorpha quadripunctaria

EM ACÇÃO

Moldes de pegadas

Numerosos animais encontram-se particularmente activos no início da Primavera. Com um bocado de sorte podemos observar as suas pegadas na terra molhada da manhã, após uma noite chuvosa. Sem pressas, como convém a quem passeia pela natureza, podemos fazer bonitos moldes dessas pegadas.

1. Começar por limpar o solo de detritos (folhas, pedras) em volta da pegada. Com um papel absorvente, deve-se depois secar o melhor possível toda a zona.
2. Envolver a pegada com uma tira de cartolina forte e de dimensões apropriadas (30 x 5 cms), enterrando-a um pouco no solo (A).
3. Num recipiente de quarto de litro, misturar gesso em pó e água, de forma a obter-se uma pasta com consistência semelhante ao mel.
4. Verter lentamente a mistura no interior do cilindro de cartolina, cobrindo a pegada com uma camada de gesso com cerca de 3 cms de espessura (B).
5. Mais ou menos um quarto de hora depois, retirar o molde ainda protegido pela tira de cartolina, tendo o cuidado de escavar por debaixo com uma pequena pá de forma a trazer aderida alguma terra (C). Envolver tudo com um pedaço de jornal e guardar até ao dia seguinte, tempo suficiente para o gesso endurecer completamente.
6. Retirar então a tira de cartolina e separar a terra do molde com um jacto de água. Com uma velha escova de dentes deve limpar-se muito bem a superfície do molde. Obtém-se, assim, um cilindro com o negativo da pegada (D).
7. Para obter um molde positivo, o mais semelhante possível à pegada original, pode-se usar o negativo para imprimir em barro húmido ou plastilina. Mas também pode construir-se um novo molde. Para isso, utiliza-se uma tira de cartolina sensivelmente com o dobro da largura da primeira, envolvendo-se bem apertado o negativo com ela, tendo o cuidado de pincelar cuidadosamente a sua superfície com óleo, após o que se verte o gesso por cima (E).
8. Após algumas horas, obtém-se assim um molde positivo da pegada (F) que deve ser então devidamente identificado, catalogado e guardado num tubo de cartão.



A pele do camaleão (*Chamaeleo chamaeleon*) possui várias camadas de células contendo pigmentos (cromatóforos) basicamente de três cores (pretos, amarelos e azuis). Estas células podem posicionar-se mais ou menos à superfície ou mudar o seu tamanho, reflectindo assim de forma diferente a luz que incide sobre a pele. Estas mudanças são controladas pelo sistema nervoso central a partir de indicações nervosas ou hormonais que respondem a estímulos provenientes dos órgãos sensoriais. No habitat natural, a predominância dos pigmentos azuis e amarelos mais superficiais confere ao camaleão o tom verde que habitualmente lhe serve de camuflagem. No caso de um animal em stress os cromatóforos escuros mais profundos estendem-se para cima dando à pele um tom sombrio. São por isso estímulos como a luz, a temperatura ou as emoções que fazem o camaleão mudar de cor e não o tom do substrato.



Envíem-nos alguma questão relacionada com a vida selvagem que gostariam de esclarecer. Tentaremos responder às questões mais interessantes nos próximos números da Madressilva.



Dinamizado pelo biólogo Ricardo Ramos da Silva e muito fácil de navegar, www.aranhas.info constitui um contributo inestimável para o conhecimento de um grupo tão pouco conhecido e ainda menos acarinhado como são os Aracnídeos. Recheado de informações sobre a taxonomia e a biologia, este sítio inclui também mapas pormenorizados de distribuição das aranhas portuguesas, sua relação com o Homem (venenos, aranhas caseiras) e uma boa colecção de fotos das várias espécies. Igualmente disponível está um animado fórum de discussão sobre estes fascinantes animais de 8 patas.



Lycosa fasciventris

A **SPEA** é uma associação científica sem fins lucrativos que promove o estudo e a conservação das aves em Portugal. Foi fundada em Novembro de 1993, correspondendo a um desejo manifestado por um grande número de profissionais e amadores desenvolvendo actividade na área da Ornitologia e conservação da avifauna. A SPEA mantém em actividade, desde 1995, o Comité Português de Raridades, que é responsável pela avaliação e publicação de todos os registos de aves de ocorrência rara ou acidental em Portugal. Organiza e desenvolve igualmente actividades de Ornitologia de campo, como por exemplo as campanhas de observação da migração de aves planadoras em Sagres. Encontra-se actualmente envolvida no projecto do Novo Atlas das Aves que Nidificam em Portugal, em parceria com o ICN. SPEA: R. da Vitória, 53 - 3º Esq. - 1100-618 Lisboa. Tel.: 213220430. Fax: 213220439. Email: spea@spea.pt. Net: www.spea.pt.



- Nos terrenos calcários do Barrocal e das falésias do Barlavento, o zimbro (*Juniperus turbinata*) surge acompanhado do carrasco (*Quercus coccifera*) e da aroeira (*Pistacia lentiscus*), formando matagais densos e muito característicos. Também nas encostas mais declivosas e esporões rochosos do vale do Guadiana e seus afluentes (Vascão, Foupana) e ainda na Picota (Monchique), sobre solos silicatados, ocorrem pequenos bosques dominados pelo zimbro e pela aroeira.

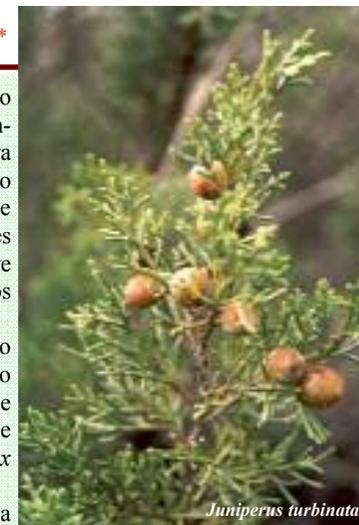
- Outras plantas muito comuns nestes zimbrais são o espinheiro-preto (*Rhamnus lycioides*), o zambujeiro (*Olea europaea sylvestris*), a murta (*Myrtus communis*) e o estrepe (*Asparagus albus*), para além de uma grande variedade de trepadeiras como a salsaparrilha (*Smilax aspera*) ou a erva-cavalinha (*Aristolochia baetica*).

- A importância destes matagais para a preservação da biodiversidade é muito significativa. Aqui ocorre um grande número de endemismos, entre os quais se podem salientar a erva-ursa (*Thymus lotocephalus*), o jacinto-de-Sagres (*Hyacinthoides vicentina*) e a assembleia-brava (*Iberis procumbens microcarpa*), plantas estritamente protegidas pela Directiva dos Habitats.

* O zimbro aparece também em barrancos apertados e encostas abruptas do Barrocal mas constituindo verdadeiros bosques mediterrânicos ainda dominados pela azinheira (*Quercus rotundifolia*), dominância essa que caracteriza o habitat prioritário nº 9560.

Sugestão de visita

Ao longo das falésias calcárias miocénicas do litoral do concelho de Lagoa podem ser observados extensos zimbrais. Uma possibilidade, entre outras, é fazer uma caminhada a partir da Praia de Albandeira, para nascente até à Praia do Barranco (cerca de 6 km ida e volta). Para além dos zimbrais, haverá oportunidade de admirar uma paisagem inesquecível, marcada por profundos algares, leixões de formas fantásticas e belas praias quase inacessíveis.



Juniperus turbinata



Asparagus albus



Smilax aspera



Thymus lotocephalus



Hyacinthoides vicentina





Animal sagrado no Antigo Egipto, utilizado como exterminador de cobras, o saca-rabos (*Herpestes ichneumon*) terá sido trazido, de África ou da Ásia Menor para o sul da Península Ibérica, por Romanos ou Árabes.



Patas curtas e corpo largo coberto por pêlo mesclado de cinzento, dourado e prateado. Quase um metro de comprimento, um pouco menos de metade correspondendo à cauda.

Animais solitários, os machos adultos entram em cio normalmente entre Março e Abril, altura em que podem ouvir-se os seus assobios agudos procurando atrair uma ou mais fêmeas ao território, uma área com cerca de 300 hectares. A gestação dura 2 meses, nascendo assim 2 a 4 crias entre Maio e Julho. As fêmeas e os jovens mantêm-se juntos durante um ano, compartilhando a mesma toca e o mesmo território.

Os saca-rabos, ao contrário de outros carnívoros, têm hábitos essencialmente diurnos. Preferem viver por entre os matagais mais espessos, sobretudo junto das ribeiras com vegetação densa de silvas, loendros, canas ou juncos. É, no entanto, possível que com o desaparecimento do lince-ibérico, o saca-rabos possa ocupar espaços de matagal mediterrânico mais abertos deixados livres por aquele super-predador que, habi-

tualmente, não tolera a presença de pequenos carnívoros como o saca-rabos no seu território. Aliás, o aumento de saca-rabos verificado nos últimos anos está justamente ligado à rarefacção do lince-ibérico na Serra Algarvia. Até porque, de resto, na ausência de outras grandes aves de rapina, só o bufo-real pode actualmente causar algum dano natural na população algarvia desta espécie.

A alimentação do saca-rabos é muito variada, comendo coelhos, ratos, insectos (gafanhotos), ovos de aves, anfíbios, répteis e chegando mesmo a deliciar-se, em certas épocas do ano, com frutos e cogumelos. A sua técnica para caçar cobras, que fez dele, outrora, um animal estimado e até domesticado, consiste na capacidade de saltar instantaneamente para o ar ou para o lado em ângulo recto ou recuar correndo, de modo a evitar a

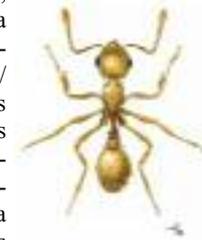
mordedura do réptil.

Em Portugal, o saca-rabos é considerado uma espécie cinegética, ao contrário do que sucede, por exemplo, na vizinha Espanha onde se encontra protegido. O período de caça vai de Outubro a Fevereiro. A justificação para este estatuto reside na alegada condição de predador de coelhos, o que não corresponde inteiramente à verdade. O saca-rabos é um predador oportunista que consome aquilo que mais abunda e mais fácil é de apanhar em cada momento, não possuindo condições físicas para apanhar coelhos adultos e saudáveis, contentando-se eventualmente com algum animal jovem ou doente.

BIOSFERA

A invasão dos clones

Originária da América Central, a formiga-de-fogo (*Wasmannia auropunctata*) encontra-se hoje disseminada por outras zonas da América, África e Pacífico. Trata-se de uma espécie invasora que põe em causa a biodiversidade local. No entanto, esta formiga esconde um autêntico quebra-cabeças biológico, descoberto recentemente por uma equipa de investigadores franco-suiça (CNRS/INRA/IRD/Universidade de Lausanne). As rainhas e os machos são originados por simples clonagem de si próprios, enquanto as obreiras, os únicos indivíduos resultantes de uma fusão de células sexuais masculinas e femininas, são totalmente estéreis! Razão para os biólogos porem mesmo em causa se os machos e as fêmeas desta formiga não deverão ser classificados como duas espécies diferentes...



Quarto domínio

Até agora eram reconhecidos 3 grandes grupos (ou domínios) de seres vivos: Eucariotas (algas, protozoários, plantas, fungos, animais), Bactérias e Archeobactérias (intermediários entre os dois primeiros). Os vírus eram apenas considerados como "ladrões de genes", simples estruturas químicas mais próximas do mundo mineral do que do mundo vivo. Porém, uma equipa da Universidade do Mediterrâneo em Marselha (França) descobriu recentemente que os Mimivirus (vírus de grande tamanho, portadores de DNA) possuem uma sequência genética muito primitiva e bem conservada, comum a todos os outros seres vivos, circunstância suficiente para



fazer deles candidatos a integrar um quarto domínio biológico e obrigar a uma revisão geral das teorias sobre a origem dos seres vivos e dos próprios vírus.

Notícias do Lince

Está encerrado o balanço biológico de 2005 no que respeita as duas únicas populações de lince-ibérico que mantêm viva alguma esperança de futuro para esta espécie gravemente ameaçada, ambas situadas na Andaluzia. Assim, durante o ano que passou, terão nascido ao todo 36 lince (26 na Sierra de Andújar, 10 em Doñana), tendo, por outro lado, sido contabilizadas 11 mortes de jovens e adultos (3 em Andújar, 8 em Doñana), a maior parte devido a atropelamento. Destes números facilmente se depreende a situação crítica da população de lince de Doñana (saldo biológico de apenas dois animais). Entretanto, a Junta de Andaluzia considera a possibilidade de retirar alguns lince da Sierra de Andújar, principal núcleo linceiro da Sierra Morena, para reforçar a população de Doñana. Iguamente previstas estão reintroduções noutros locais da Sierra Morena, o que poderá vir a criar uma segunda oportunidade para o lince em Portugal com a eventual chegada de alguns animais ao Baixo Alentejo e à Serra Algarvia, através da zona de Barrancos. Isto se os responsáveis nacionais pela política de conservação da natureza não continuarem de braços cruzados e criarem condições no terreno (preservação do habitat, recuperação da população de coelho-bravo) para que o lince volte de novo aos nossos montes.

BIOSFERA

Um ornitorrinco vale por cinco

Já não bastava ao ornitorrinco (*Ornithorhynchus anatinus*) possuir bico e pôr ovos, ao mesmo tempo que tem o corpo coberto de pêlos e amamenta as crias. O carácter estranho deste mamífero muito primitivo, que resulta de uma evolução independente já com cerca de 180 milhões de anos, ficou agora uma vez mais demonstrado com uma inesperada descoberta efectuada por cientistas da Universidade de Camberra (Austrália). É que, ao contrário da maior parte dos restantes mamíferos que possui apenas 2 cromossomas sexuais (XX nas fêmeas, XY nos machos), o ornitorrinco possui nada menos nada mais do que 10 desses cromossomas (10X nas fêmeas, 5XY nos machos).



Exploração insustentável

A União Europeia bloqueou uma proposta, apresentada na reunião de Novembro último, em Sevilha, da Comissão Internacional para a Conservação do Atum do Atlântico, que visava acrescentar umas semanas mais à época de defeso na pesca do atum-vermelho ou arrabil (*Thunnus thynnus*). Esta medida simples permitiria reduzir as capturas da pesca do cerco em 30% e garantir a sobrevivência de 90% das larvas. A pesca tradicional do atum (com almadravas) fica assim mais perto da extinção, suplantada pela pesca industrial e pela proliferação das capturas para abastecer as quintas de engorda no alto mar.



Mais um novo mamífero

Uma nova espécie de carnívoro foi descoberta por investigadores do WWF nas florestas da parte indonésia da ilha de Bornéu. Um pouco maior que um gato e algo parecido com uma geneta, este novo mamífero, ainda sem nome, encontra-se já em grande perigo devido a um projecto megalómano de cultivo de palmeira-de-óleo que ocuparia 2 milhões de hectares das florestas onde vive.

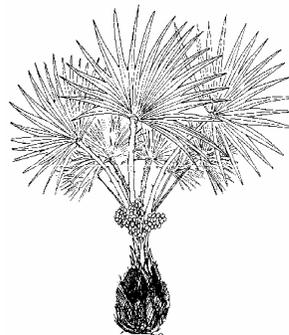


Sonares assassinos

Uma acção em tribunal contra a Marinha dos Estados Unidos acaba de ser apresentada pelo National Resources Defense Council (NRDC), a maior ONG ambientalista dos EUA. A razão principal desta queixa prende-se com a recusa dos militares em tomar medidas para proteger baleias, golfinhos e outros mamíferos marinhos dos trágicos efeitos dos sonares utilizados pelos barcos de guerra. Uma grande parte dos arrojamentos em massa destes animais verificados nos últimos anos em praias de diversos locais do planeta (entre os quais o Arquipélago da Madeira em 2000, durante exercícios navais da NATO), encontra-se relacionada com manobras militares oceânicas. As baixas frequências dos sonares activos (LFAS) perturbam gravemente o sentido de orientação dos mamíferos marinhos, ensurdecendo-os e levando-os a tomar direcções erradas, optando muitas vezes por fugir enlucados para as águas costeiras onde acabam por morrer encalhados.



Tem a palavra o palmito



Começo por esclarecer que só aceitei escrever estas linhas na condição de me tratarem por *el palmito*. A amiga madressilva tem a sorte de ter um nome bonito, mas imagine que resolviam passar a chamar-lhe trepadeira-do-diabo ou qualquer coisa desse estilo. Não gostava, pois não? Nesta zona onde vivo a que chamam Portugal decidiram apelidar-me de palmeira-anã ou palmeira-das-vassouras, pelo que, como acção de protesto, adoptei o nome mais simpático que as minhas irmãs espanholas recebem.

É verdade que habitualmente sou pequena, mas isso é porque tenho de concentrar as minhas energias na competição feroz por um lugar ao sol neste matalgal denso e espinhoso que tem sido desde sempre o meu lar. Mas se me quiserem levar daqui para fora, me acarinharem e me derem um cantinho só para mim, vão ver como eu me transformo pouco a pouco numa bela palmeira com vários metros de altura. Acabar em vassoura é

também, infelizmente, o destino de muitas folhas dos indivíduos do meu povo. Com efeito, tenho folhas grandes (quase um metro de comprimento), em forma de leque vistoso, razão suficiente para me acolherem em parques e jardins e não para me usarem para fins menos nobres. Afinal, sou ou não sou a única palmeira verdadeiramente europeia, ao contrário dessas emperiquitadas primas minhas com que resolveram agora poluir as ruas das cidades e que vêm empacotadas sabe-se lá donde, quantas vezes clandestinas e com vida atribulada?

Apesar de tudo, prefiro que colham as minhas folhas, com moderação é claro, para fazer baracinha ou empreita, trabalho



Foto que me foi enviada por uma tia minha emigrada em Itália.

bonito em que as mulheres cá do sítio se entretêm a confeccionar alcofas, balaio, canastras, capachos e outros estranhos objectos. Ao que eu já não acho muita piada é quando resolvem arrancar os rebentos das folhas novas ou os gomos

de crescimento para confeccionar saladas com alegadas virtudes afrodisíacas, o que quer que isso queira dizer, pois tal acção, para nós, significa pura e simplesmente o fim.

Falando de coisas mais agradáveis, uma vez chegada a Primavera, a satisfação é grande entre o meu povo, pois é nessa altura que os adultos produzem os seus gloriosos cachos de flores douradas. Machos e fêmeas cada um no seu lugar, está bem de ver, pois isto é um assunto sério. O vento e alguns animais amigos, que não têm medo dos espinhos que protegem a base das folhas, encarregam-se de levar a coisa a bom porto, de forma que lá, para o fim do Verão ou início do Outono, as senhoras palmeiras acabam por amadurecer umas bagas avermelhadas de bom tamanho que não devem ser tão saborosas como as da minha prima tamareira, a avaliar pela cara que algumas pessoas fazem ao prová-las. No entanto, há animais que parecem gostar delas e fazem o favor de disseminar a semente, garantindo assim a perpetuação da minha espécie.

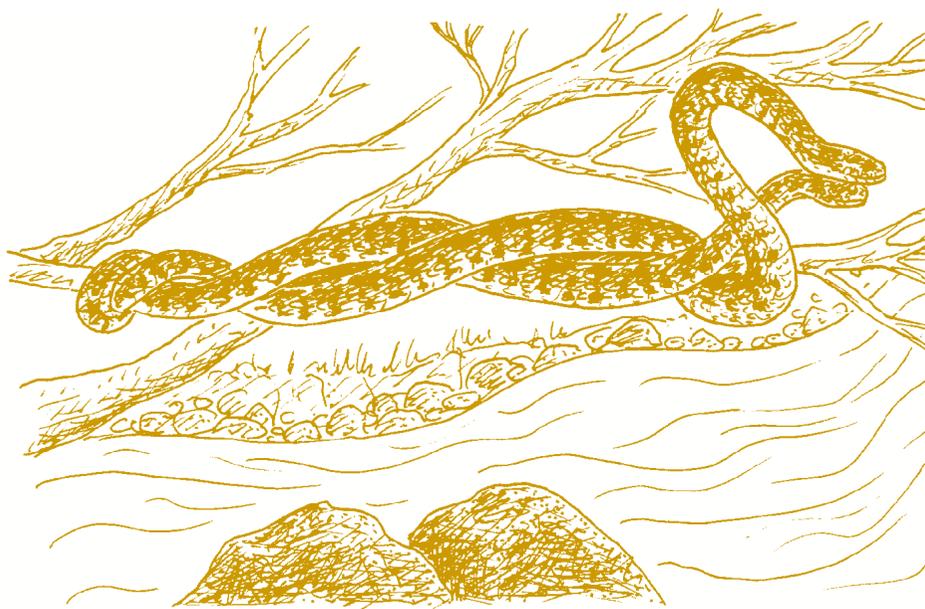
Enfim, a tamareira e as outras palmeiras de aviário que fiquem lá com a fama e os postais ilustrados, pois o passaporte europeu a mim ninguém mo tira!



A cobra-de-água-viperina:

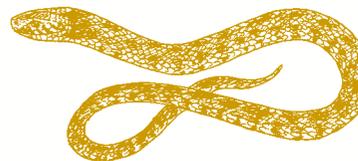
Esforçar-se ninguém pode dizer que não se esforça... Quando é encurralada por algum predador ou por um ser humano (o que vem a dar no mesmo!), incha a cabeça e silva com força antes de atacar, impelindo para diante o corpo que ostenta, frequentemente, um desenho dorsal em forma de zig-zag. Tal como faz qualquer víbora que se preze. Mas as semelhanças entre a cobra-de-água-viperina e aquelas perigosas serpentes, que lhe valeram o nome, ficam-se por aí. Na verdade, esta cobra é inofensiva, pois não só não possui veneno como nem sequer chega a morder durante os seus ataques, feitos normalmente com a boca fechada. Vale-se, porém, desta artimanha para surpreender e assustar um ou outro predador, ganhando tempo suficiente para se escapular por entre a vegetação aquática. Se, mesmo assim, for capturada, a cobra deixa-se de basófilas e abre mão de um último recurso: esvazia bruscamente o conteúdo das suas glândulas anais, produzindo um cheiro nauseabundo, pelo menos, para os narizes humanos.

Esta opinião sobre a pouca credibilidade da cobra-de-água-viperina não é, certamente, partilhada por muitos animais aquáticos como peixes, rãs, sapos, tritões e respectivas larvas. Para todos eles, esta serpente é, na realidade, um poderoso inimigo contra quem é preciso estar de sobreaviso. Tanto mais que ela nada e mergulha com muita facilidade, perseguindo-os até aos seus esconderijos mais recônditos. Uma vez de barriga cheia, a cobra-de-água-viperina trepa para cima de alguma rocha ou arbusto situado à beira de água e faz calmamente a digestão enquanto se aquece ao sol.



uma serpente fanfarrona

Durante os dias mais frios do ano, a cobra-de-água-viperina diminui a sua actividade, refugiando-se entre as raízes das árvores ribeirinhas ou na toca de qualquer outro animal a fim de hibernar. Com o calor da Primavera, chega também a época dos amores, durante a qual cada macho procura atrair as atenções de uma fêmea das vizinhanças, e repelir outros machos, nem que para isso tenha de lutar com eles. Conseguindo o seu intento, o macho roça repetidamente o corpo sob a cabeça da companheira. Nas águas calmas da ribeira executam, então, um bailado sereno, enroscando quase ternamente os corpos um no outro. A fecundação é interna e o desenvolvimento dos ovos inicia-se no interior do corpo da mãe, aí permanecendo algumas semanas. A fêmea procura, então, um buraco na margem da ribeira ou debaixo da vegetação morta que cobre o solo, para aí depositar entre 4 e 20 ovos de casca mole. A partir daí, a postura é incubada unicamente pelo calor do sol e da decomposição da matéria orgânica, dele dependendo, também, a altura dos nascimentos que ocorrem no início do Outono, entre 6 a 8 semanas depois. Os bebés, já muito parecidos com os pais e com cerca de 15 cms de comprimento, cortam a casca do ovo utilizando um dente afiado que então possuem na maxila superior. Rapidamente começam a caçar, escolhendo, como é de bom senso, presas proporcionais ao seu tamanho, quase sempre pequenas larvas ou alevins de peixes.



Reino: Animais
Filo: Cordados
Classe: Répteis
Ordem: Escamosos
Sub-Ordem: Ofídeos
Família: Colubrídeos

Cobra-de-água-viperina

Natrix maura

Características

Cobra com o dorso de cor variável (castanho, cinzento, amarelado), ornamentado com duas fiadas longitudinais de manchas escuras que podem formar um desenho em zig-zag. Ventre amarelado ou alaranjado pintalgado de negro. Cabeça com 1-2 manchas em forma de A. Pupila redonda, alaranjada. **Comprimento** - até 85 cms nos machos e 95 cms nas fêmeas.

Distribuição

Encontra-se no Sudoeste da Europa e no Noroeste de África, quase sempre em ribeiras, charcos, barragens e lagoas mas, também, em campos e bosques encharcados e zonas húmidas litorais

Proteção

Uma das cobras mais vulgares no Algarve. Pela sua importância nos ecossistemas aquáticos, está incluída no Anexo III da Convenção de Berna (espécies protegidas da fauna europeia).

Espécies semelhantes

Espécie muito próxima é a **Cobra-de-água-de-colar** (*Natrix natrix*), mas esta possui, habitualmente, uma coloração bastante mais uniforme, acinzentada ou esverdeada, apenas com pequenas manchas escuras dispersas.



Cobra-de-água-de-colar